



# ***PAPÉIS AVULSOS: UM DIÁLOGO ENTRE AS DIFERENTES FORMAS NARRATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA UNIDADE***

*Rodrigo Sampaio Nogueira*

*Orientadora: Flávia Vieira da Silva Amparo*

Mestrando

RESUMO: A nossa proposta neste artigo é apresentar um diálogo entre os contos que fazem parte da coletânea *Papéis Avulsos*, do escritor Machado de Assis, destacando a sua repercussão crítica após a consagração do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, também, a continuação de uma prosa mais ousada, com muita ironia, humor e pessimismo. Além desses aspectos, analisamos ainda a informação descrita por ele na *Advertência* da coletânea, observando que tais contos não teriam sido reunidos ao acaso, pois haveria em seu conjunto, uma certa unidade. A partir desse relato, procuramos estabelecer uma leitura mais homogênea do livro, realçando a sua força crítica sobre as questões abordadas nos contos, como: a ciência, a política, a sociedade e o indivíduo. Essa característica presente em *Papéis Avulsos* seria estruturada, segundo propomos neste trabalho, a partir da utilização por Machado de diferentes modelos narrativos, propiciando, assim, um diálogo com outros tipos de discursos e, ao mesmo tempo, reinventando-os em uma nova forma de composição textual, que renovaria a prosa do escritor brasileiro de forma definitiva.

PALAVRAS-CHAVE: *Papéis avulsos*, crítica, unidade, modelos narrativos.

A coletânea *Papéis avulsos* de Machado de Assis, lançada em 1882, confirmou o novo momento da carreira literária do escritor brasileiro após a publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porém agora no gênero conto. Levando em consideração a informação apresentada pelo autor na *Advertência* do livro sobre a unidade que envolve a escolha dos doze contos ali reunidos, gostaríamos de estabelecer neste artigo um diálogo dessas narrativas a partir da repercussão da crítica sobre o novo estilo do escritor.

Alguns ensaios da época sobre a coletânea destacam uma considerável mudança no estilo narrativo do autor de *Ressurreição*. Gama Rosa <sup>1</sup> num artigo publicado na *Gazeta da Tarde* (Rio de Janeiro), dia 02 de novembro de 1882, destaca que *Papéis avulsos* possui o “mesmo maneirismo, o mesmo pessimismo, o mesmo ar sarcástico, cético, desiludido de tudo e de todos, as mesmas revelações apocalípticas”, apresentando também “o mesmo humorismo doentio” que as *Memórias Póstumas*. E observa, ainda, a nova configuração da prosa do escritor, tratando-se “não de uma mudança momentânea, um movimento acidental, mas de uma impressão perturbadora, de um novo modo de ser adquirido pela individualidade do escritor”. (MACHADO, 2003, p.140).

Outro comentário significativo é o de Xavier de Carvalho, correspondente da *Gazeta de Notícias* em Paris, a respeito dos contos já terem sido publicados, mas que, reunidos, “ganham uma certa unidade e que a série que o autor chama tão modestamente de *Papéis avulsos* merecia mais ter como um título *Um colar de pérolas*”. (MACHADO, 2003, p.139)

O impacto, conforme percebemos, foi imediato para a crítica da época, assim como fora um ano antes as *Memórias Póstumas* e, sem dúvida, trouxe a atenção do público e da crítica para o trabalho dos contos. Conforme destaca Ubiratan Machado, os críticos inevitavelmente insistiram por definir a obra do escritor brasileiro em duas fases diferentes, “como se o escritor tivesse se partido magicamente em dois” (MACHADO, 2003, p.20). A observação, no caso, valia tanto para o romance quanto o livro de contos. Reconhecia-se no trabalho ficcional do escritor uma “originalidade e independência de espírito”, somada a uma “concepção personalíssima de realismo”, seguida de uma “inquietação e certo melindre com o

---

<sup>1</sup> Francisco Luís da Gama Rosa (Uruguaiana [RS], 1852 – Rio de Janeiro, 1918), médico, jornalista, político, presidente da província de Santa Catarina (1881-1884), foi o primeiro a divulgar no Brasil o movimento simbolista francês.

pessimismo, o sarcasmo doloroso, o ceticismo, a desilusão de tudo e todos, o humorismo doentio” (MACHADO, 2003, p.20). Tais aspectos, de acordo com o Ubiratan, pareciam se acentuar em *Papéis Avulsos*.

Para John Gledson, esta coletânea figura como “a mais original e radical, ” mesmo não considerando que todas as histórias sejam “igualmente boas, ou mesmo que estejam entre as melhores”. (GLEDSON, 2006, p.45). Já na visão de João Cesar de Castro Rocha, esse desdobramento narrativo de Machado que aflorou no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e no ano seguinte em *Papéis avulsos* foi estimulado após a publicação de “O primo Basílio” do escritor Eça de Queirós. Segundo o crítico brasileiro o livro do autor português

teria sido um elemento catalizador de potências textuais que Machado já exercitava aqui e ali, embora de forma isolada e às vezes tímida. Mais do que novidade absoluta, a escrita das *Memórias póstumas* favoreceu a reunião de recursos heteróclitos, experimentados anteriormente nas crônicas e nos contos. (ROCHA, 2013, p.15)

Deste modo, percebemos o quão relevante é a informação posta por Machado na *Advertência* do livro *Papéis avulsos*, a fim de continuar suas experimentações formais, como também, no plano crítico. Mesmo tais contos já terem sido publicados em jornais, quase todos entre 1881 e 1882, com exceção de “A chinela turca” e “Uma visita de Alcibíades” lançados respectivamente em 1875 e 1876, o que acentuou e deu mais visibilidade foi a reunião deles em livro. Vejamos o que diz o escritor:

Este título de *Papéis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa.

Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que não o são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com S. João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria”. Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista:

é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba sem a gente dar por isso. Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição. (ASSIS, M., 2011, p.37)

Consideramos, assim, que a proposta relatada na *Advertência* ajuda a entender um pouco mais o novo caminho de produção literária do escritor, enfatizando questões importantes naquele início de 1880 e, simultaneamente, experimentando outras formas narrativas e discursivas na esfera da prosa curta. Deste modo, cada conto traz consigo sua própria história e característica, mas, conforme propomos, unidos nas relações que expõem a natureza humana naquilo que ela tem de dúbio e complexo, visto que vamos perceber o embate entre vícios e virtudes, mais interesses do que alteridade, mais questionamentos do que respostas para os males humanos.

Em razão disso, podemos destacar os seguintes casos que causaram tanto impacto no público e na crítica: 1) a dualidade entre razão e loucura (O alienista); 2) a (des)construção irônica dos “figurões” sociais (Teoria do Medalhão); 3) o contraponto parodístico de doutrinas filosóficas e científicas sobre a alma humana (O espelho) e sobre o sistema político (A sereníssima república); 4) o charlatanismo como doutrina filosófica (O segredo do Bonzo); 5) a exposição do patológico (Verba Testamentária); 6) a procura de status social através do uso da farda, do sucesso de uma ideia ou de um casamento (D. Benedita); 7) a doutrina religiosa e a natureza imperfeita e inconclusa do ser humano (Na arca).

Todas essas questões acima são retratadas de forma cômica, irônica e pessimista por Machado, que, deste modo, parece não falar apenas de um contexto brasileiro, mas universalista, ou seja, problematizando o próprio ser humano. Há também no livro a ideia da vida como um drama (“A chinela turca”), um espetáculo das aparências e interesses, onde ora atuamos, ora assistimos, sabendo que “o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso”. (ASSIS, M., 2011, p.37)

A representação dessas questões nos contos é configurada estilisticamente pelo uso da paródia, sátira, ironia e humor. O aspecto mais formal deles parece mostrar que Machado também direciona sua experimentação a alguns gêneros que não teriam, a princípio, um uso no plano literário, no campo de leitura estritamente ficcional. Por isso, consideramos que os “papéis avulsos” seriam também a incursão dos diferentes modelos narrativos encontrados no

livro, como: a narrativa bíblica, os relatos de viagens, carta, diálogos filosóficos etc. O uso desses modelos antigos, segundo o crítico João Cesar de Castro Rocha se deve ao que ele chama de *poética da emulação*, a qual “equivale ao resgate de práticas retóricas progressivamente abandonadas depois do advento do romantismo. ”, e que apresentam um “esforço deliberadamente anacrônico, marca-d’água da literatura machadiana”. (ROCHA, 2013, p.11)

A apropriação desses diferentes gêneros e o aspecto crítico realçariam a continuidade da influência de vários estilos textuais que a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tornaram o trabalho do escritor mais ousado e crítico com relação aos aspectos tradicionais do romance e do conto que ele mesmo produzira nos trabalhos anteriores.

Essas questões ajudariam, de um certo modo, a estabelecer um artifício crítico e, também, estético na construção literária de Machado. Propomos, assim, que esse caráter “apocalíptico” ou provocador em *Papéis avulsos* seria um modo de apresentar também uma nova linguagem e comportamento para a sua narrativa de prosa curta. Dessa forma, o escritor poderia ainda ampliar o aspecto reflexivo e analítico dos temas apresentados, pondo em discussão justamente assuntos e conflitos que circundariam a sociedade carioca no início dos anos de 1880.

Conforme vimos na *Advertência*, mesmo o escritor parecendo minimizar a “sabedoria”, certamente é um elemento importante a se considerar para a configuração da unidade do livro. O resgate de antigas formas textuais e retóricas permite-nos, ainda, propor uma leitura polissêmica do próprio título do livro, pois os diferentes “papeis” se estenderiam aos interesses dos personagens e o modo como conduzem o discurso a seu favor. Um exemplo disso, podemos perceber em Simão Bacamarte. A sua retórica científica para classificar e prender os loucos de Itaguaí em nome da ciência acaba alimentando a sua vaidade, a qual termina por cegá-lo, causando um conflito na cidade pelo fato de prender quase todos os moradores na Casa Verde. Ao reconhecer a ineficiência da sua teoria vai espontaneamente se recolher naquela casa para analisar a si próprio: “ — A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática. ” (ASSIS, 2011, p.98) Outros personagens vão realçar esse caráter, ou imagem exterior, a fim de atingir seus objetivos pessoais, como em “Teoria do

medalhão”, “O espelho”, “Na arca”, “A sereníssima república”, como também, esconder as próprias mazelas, caso do conto “O empréstimo”, “O anel de Polícrates”, “D. Benedita”, “A chinela turca”, dentre outros. De uma forma geral, há sempre uma relação dupla nos conflitos e interesses das personagens encontradas no livro, de modo a aproximá-los nesse aspecto.

Desta forma, entendemos que a questão polissêmica do título *Papéis avulsos* pode ser aplicada tanto na questão de reunir em livro diferentes recursos e modelos narrativos, quanto a problematização dos temas de cada conto. Os “papéis” reforçariam no plano do conteúdo uma relação dupla do discurso das personagens sobre as questões vividas, sobretudo porque com o uso do humor e da ironia faz-se necessário uma leitura mais cautelosa sobre os temas desenvolvidos pelo autor, como: a ciência, a política, a religião e a sociedade.

Por isso, consideramos que as questões supracitadas são problematizadas por Machado em *Papéis avulsos* sob duas perspectivas: o papel público e o particular das personagens. Assim, para a coletividade os papéis sociais se apresentariam de uma forma, mas ao serem analisados separados do todo (avulsos), serviriam apenas às particularidades, aos desejos individuais do homem. Conforme encontramos nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem?” (ASSIS, M., 1975, p. 104).

Portanto, as bandeiras públicas da moral, da ciência, da religião, da política e das ideologias estariam, segundo propomos, a serviço das bandeiras particulares (avulsas, separadas do todo) do homem. Cada qual avaliaria a realidade pelo contexto da própria opinião, que por si só se põe como avulsa àquela: só se crê no que é conveniente para si. A “sabedoria”, neste caso, estaria no modo como são retratados estes assuntos, mesclando diferentes formas narrativas e contextos para construir histórias cômicas e, ao mesmo tempo, mostrando um lado mais pessimista das ações humanas. Nesse aspecto, percebemos que a natureza tragicômica da obra machadiana retratada em *Papéis avulsos* equilibra as situações da vida com um humor que nos diverte, mas que também ajuda a desmascarar as relações de interesses existentes na sociedade.

Assim, tanto o aspecto particular quanto o público dos papéis sociais representados nos contos acabariam convergindo para o caráter universalista das histórias abordadas pelo



bruxo do Cosme Velho. Esse universalismo seria o fator que aproximaria as situações retratadas de modo a acentuar sua crítica às questões do campo político, social, científico e familiar. Por isso, nos deparamos com narrativas tão díspares como “O segredo do Bonzo” (narrativa de viagens do século XVI) e “Na arca” (narrativa bíblica), que reforçam uma atemporalidade dos conflitos e interesses humanos, e outras situadas no contexto próximo do escritor, como: “D. Benedita”, “A Chinela turca”, “Teoria do medalhão”, “O espelho”, dentre outras do livro. O caráter “apocalíptico” de tais histórias, assim, consistiria ainda no tom de revelação profética e figurativa que, conforme no livro bíblico, são utilizados simbolicamente para ilustrar contextos reais que podem ou poderão acontecer.

Esses destaques configurariam, segundo propomos, o elemento conceitual que unifica os contos ao expor de forma cômica e irônica questões que problematizam a ciência e a política, além da satirização de alguns tipos sociais, representados pela figura do medalhão, do pomadista (mentiroso, charlatão) e do caipora (azarado). Mesmo cada conto apresentando uma independência temática e formal, eles parecem dialogar entre si quando expõem criticamente assuntos como o cientificismo, a política, a loucura, a natureza incompleta e imperfeita do homem que com sua eterna sede de poder e ambição precisa, em sociedade, adotar determinados papéis e discursos para conseguir realizar as suas aspirações.

Assim, conforme propomos demonstrar, os aspectos apresentados acima formariam no conjunto dos contos em *Papéis avulsos* uma unidade, que não só para a crítica da época do escritor, como a mais recente, seria uma continuidade da estratégia narrativa e literária consagrada pelo romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porém direcionada agora para os contos. Desta forma, ao utilizar formas retóricas e modelos narrativos abandonados pela escola romântica (ainda que se possa perceber em alguns de seus contos anteriores tais usos), consideramos que foi em *Papéis avulsos* que Machado conseguiu reuni-los de forma orgânica, fazendo da ironia, do humor e também do pessimismo, características fundamentais para exercer a sua crítica aos problemas do seu tempo, além daqueles que são inerentes ao próprio homem, independente da época retratada.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INI, 1975.



\_\_\_ *Papéis avulsos*. S.l., Lombaerts & C., 1882.

\_\_\_ *Papéis avulsos*; introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. – São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*; ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

ROCHA, João Cesar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.